



A Verificação da produção científica na área da Comunicação e Saúde em quatro periódicos científicos¹

Gésseca RONFIM²

Eveline Maria Amorim BEZERRA³

Benedito Dielcio MOREIRA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar a ocorrência de estudos sobre a relação Comunicação Social e Saúde a produção deste conhecimento em dois periódicos científicos na área da comunicação e dois na área saúde, publicados em 2008, 2009 e 2010. Os resultados demonstraram que o número de publicações nesta área é bastante limitado: apenas 15 artigos em um universo de 1050. Os temas mais estudados nos quinze artigos encontrados são a comunicação interpessoal e a propaganda e o marketing de medicamentos. Foram escolhidas quatro publicações, duas na área da comunicação e duas na área da saúde.

Palavras-chave: Comunicação Social; Saúde; Artigos Científicos.

Comunicação e Saúde no Brasil: um resumo histórico

A relação entre comunicação e saúde ganhou destaque no Brasil no início do século passado, a partir da Reforma conduzida por Carlos Chagas e com a criação do Departamento de Saúde Pública, em 1920. Nesse período, influenciada pelo pensamento da época acerca da comunicação⁵, a propaganda passou a ser usada como instrumento de educação, uma novidade para a época (PITTA, p. 16, 1995).

Técnicas como "ajuste de linguagem" e "população alvo" somente começaram a ser usadas na propaganda de saúde na década de 1970, "como forma de transferir conhecimentos ou propor "modelos de comportamento" a indivíduos ou grupos de indivíduos" (PITTA, 1995, p. 16). A verticalização desses processos foi criticada por movimentos pedagógicos (PITTA, 1995, p. 16), pois não considerava a cultura ou

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autora. Estudante do 4º semestre de Jornalismo do IL-UFMT, email: gessecaronfim@hotmail.com.

³ Co-autora. Estudante do 4º semestre de Rádio e TV do IL-UFMT, email: tyle_@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social do IL-UFMT: dielcio@UFMT.br.

⁵ Estudiosos da comunicação denominam o pensamento vigente à época de teoria da "agulha hipodérmica", que considera a comunicação como sendo um processo unilateral e determinante. Segundo essa teoria, uma mensagem enviada por uma mídia de massa é sempre recebida e compreendida de maneira igual por todos os seus receptores (DE FELUR, BALL-ROKEACH, 1993).



opinião da população. Os movimentos pedagógicos mais expressivos no Brasil são verificados nos anos de 1960, apoiados nas teorias de Paulo Freire, que tem no “diálogo” entre sujeitos a base de uma relação não autoritária (FREIRE, 2005, p. 78).

Um dos principais conceitos elaborados por Paulo Freire é o da “educação bancária”, ou seja, o modelo de educação que considera as pessoas como recipientes, depósitos de conhecimentos. Para Freire, a educação deve se pautar pelo diálogo constante, no qual não há soberania entre os indivíduos, mas uma troca entre interlocutores: “(...) ninguém educa a ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 78).

Em meio às propostas de horizontalização da comunicação e foco no diálogo, na década de 1970 consolida-se o complexo “médico-industrial” (PITTA, p. 17, 1995). Esse modelo, apoiado pela televisão, promovia a saúde como bem de consumo:

Enquanto as instituições governamentais de saúde buscam aperfeiçoar estratégias de comunicação no sentido de propor comportamentos a indivíduos com vistas a "modelar" formas de prevenção e participação, oferecendo paralelamente serviços de baixa resolutividade a uma população de baixa renda, o mercado, em especial através da TV, se encarrega de oferecer saúde e cura - através do consumo de mercadorias ou dos serviços médicos privados e procedimentos de alta tecnologia (PITTA, 1995, p. 17).

Na década de 1980 a saúde no Brasil é entendida como um direito civil e dever do Estado. A VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, considera a informação como pressuposto do direito à saúde: "Educação e Informação plenas, participação da população na organização, gestão e controle dos serviços e ações de saúde; direito à liberdade, à livre organização e expressão..." (PITTA, 1995 p. 17).

Na década de 1990, durante o IX Conferência Nacional de Saúde, em 1992, a Comunicação é fortemente relacionada à democratização do Estado brasileiro. E em 1993 a Comunicação é entendida no discurso oficial como direito de cidadania "(...) o acesso à informação é um direito e não pode ser compreendido como um favor do setor público ou privado..." (MS/GERAS Documento básico, apud, PITTA, 1995, p. 18).

Com o pressuposto da informação como um direito à saúde, “(...) nas últimas décadas do século XX o tema comunicação e saúde passou por um processo de problematização e renovação” (ARAÚJO, CARDOSO, LERNER, 2007, p. 80):



Esse movimento foi adquirindo uma face concreta em um conjunto de iniciativas: a formação de um Grupo de Trabalho vinculado à Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), um curso de pós-graduação em comunicação e saúde (aperfeiçoamento depois especialização, com sete turmas concluídas e uma em andamento), oficinas e cursos de curta duração, participação em fóruns científicos e acadêmicos das áreas da saúde e da comunicação (entre estes, Compós, Intercom e Alaic), a luta (bem-sucedida) pelo reconhecimento e inclusão do tema nas Conferências Nacionais de Saúde (CNS) e a realização de pesquisas e investimento em estudos pós-graduados, com forte aproximação com os centros universitários da comunicação. Por fim, o que consideramos um significativo reconhecimento da legitimidade desse campo em pleno processo de fortalecimento, foram abertos editais de pesquisa dos órgãos de fomento científico, com linhas de financiamento voltadas para o tema. Paralela e progressivamente, os cursos de comunicação foram acolhendo e valorizando pesquisas de mestrado e doutorado que tinham como objeto a saúde, enquanto cursos da área biomédica foram incluindo módulos ou disciplinas de comunicação em suas grades curriculares. Instituições de ensino de um campo e outro abriram cursos de pós-graduação *lato sensu* em comunicação e saúde (ARAÚJO, CARDOSO, LERNER, 2007, p. 80).

Reconhecendo a importância deste campo e os investimentos em pesquisa feitos nos últimos anos, conforme Araujo, Cardoso, Lerner (2007, p. 80), este trabalho tem como objetivo verificar qual foi o espaço dedicado à relação Comunicação/Saúde em quatro importantes revistas científicas, publicadas nos anos de 2008, 2009 e 2010: duas da área de Comunicação e duas da Área de Saúde. São elas: Revista Escola de Enfermagem da USP e Revista de Saúde Pública, também da Universidade de São Paulo; e as revistas E-Compós, dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, e Intercom, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação.

Revista de Saúde Pública

A Revista de Saúde Pública foi criada em 1967. Editada pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, é publicada bimestralmente. Recebe contribuições de autores brasileiros e internacionais. O objetivo dessa revista é disseminar e publicar artigos científicos na área de Saúde Pública. Nos três anos verificados da Revista de Saúde Pública, com 459 artigos publicados, a relação comunicação/saúde não se mostrou com a frequência que a relevância deste tema sugere.



Em 2008 foram publicadas oito edições, sendo seis regulares e duas adicionais. No conjunto das edições foi constatada a publicação de 170 artigos⁶. Destes, apenas dois tratam da relação Comunicação e Saúde. O primeiro artigo encontrado, *Propagandas de medicamentos psicoativos: análise das informações científicas*, é um relato de uma pesquisa feita em Araraquara, no Estado São Paulo, com o objetivo de analisar as propagandas de medicamentos psicoativos divulgadas aos médicos, verificando a concordância entre as informações destas propagandas com as suas referências bibliográficas e a acessibilidade à essas referências. Os resultados evidenciaram a dificuldade do acesso às referências. E que as mensagens de eficácia, segurança, custos, entre outras, muitas vezes não estão respaldadas por estudos científicos (GALDURÓZ, MASTROIANNI, NOTO, 2008).

O segundo artigo referente à Comunicação, encontrado na quinta edição, foi feito com base no mesmo tema do estudo citado anteriormente. Também analisou a propaganda de medicamentos psicoativos, porém com outro foco. Neste, o foco foi analisar as figuras humanas retratadas nas propagandas de medicamentos psicoativos. Entre os resultados foi perceptível o predomínio de pessoas brancas e do sexo feminino. Os autores demonstram que as propagandas distorceram os sintomas das doenças psicoemocionais, o que pode refletir na prescrição médica (GALDURÓZ, MASTROIANNI, NOTO, VAZ, 2008).

Em, 2009 foram analisados 157 artigos, em oito edições. Assim como em 2008, foram publicadas seis edições regulares e duas adicionais. Dessas, a exemplo do ano anterior, dois artigos tem relação com a temática comunicação e saúde. O artigo “Saúde pública e indústria do conhecimento”, faz uma análise do cenário atual da produção de conhecimento em Saúde. Aponta a atual tendência de valorização dos interesses privados, em detrimento dos interesses na saúde pública. Essa valorização do privado é caracterizada por conflitos de interesses que resultam em abusos de poder. Para o autor, a produção e distribuição do conhecimento deveriam ser tratadas como um item estratégico da saúde pública (CAMARGO JR, 2009).

O artigo “Dialética da autonomia dos equilíbrios nos conflitos entre pacientes e cirurgiões oncológicos” discute a relação entre pacientes e cirurgiões. Os autores buscam entender as diferentes e complexas lógicas de autonomia que se encontram nos conflitos entre prescrições cirúrgicas e o que os pacientes esperam com o diagnóstico de

⁶ Não estão incluídos os Informes Técnicos e Institucionais e Cartas ao Editor. Estão inclusos: Artigos Originais, Artigo Especial, Comunicação Breve, Ensaio, Comentários, Revisão e Revisão Sistemática.



câncer. A comunicação entre os médicos e os pacientes é colocada em questão, principalmente quanto ao diagnóstico e a decisão de fazer uma operação mutiladora ou não. Por fim, foi possível perceber que não há muitos espaços para a ação comunicativa no universo do sistema público de saúde para esse tipo de atividade (SILVA; NOLASCO, 2009).

Nas edições de 2010 foram analisados 132 artigos. Destes, apenas fez referência à Comunicação. O artigo “Indústria do conhecimento: uma poderosa engrenagem” propõe uma discussão sobre a produção de conhecimento biomédico. Essa produção muitas vezes é influenciada pela indústria farmacêutica, que busca nas publicações científicas legitimação para os seus produtos. Induzindo assim, as pesquisas científicas para os interesses comerciais: “Conhecimento revestido de cientificidade transformou-se em argumento estratégico de marketing de venda” (CAMARGO Jr., MIGUELOTE, 2010).

Escola de Enfermagem da USP

A Revista Escola de Enfermagem da USP é uma publicação bimestral, voltada à publicação de artigos originais nas áreas de enfermagem e saúde como um todo. Como nas demais revistas, foram verificadas as publicações dos anos de 2008, 2009 e 2010. Ao longo dos três anos, foram publicados 419 artigos⁷, mas apenas oito tem relação com a Comunicação e Saúde.

Dos 99 artigos verificados nas quatro edições de 2008, foi possível encontrar quatro artigos relacionados à comunicação e saúde. Entre eles, três abordam a comunicação interpessoal e um a produção de conhecimento em enfermagem. O artigo “Música para idosos institucionalizados: percepção dos músicos atuantes” trata da comunicação com os idosos, mais precisamente a falta dela e de como a música pode ser um bom instrumento de interação com eles (FLUSSER, LEÃO, 2008).

O artigo “Mulheres vivendo com AIDS e os profissionais do Programa Saúde da Família: revelando o diagnóstico” aborda a comunicação de mulheres portadoras de AIDS com os agentes de saúde da unidade do Programa Saúde da Família. A pesquisa mostra quais são os principais fatores que levam as mulheres com AIDS a revelar ou não o seu diagnóstico aos profissionais (FERREIRA, NICHITA, 2008).

⁷ Não está incluso o Editorial. Está incluso: Artigo Original, Estudo teórico, Artigo de Revisão e Relato de Experiência.



Ainda com abordagem na comunicação interpessoal, o artigo “Reações comunicativas dos alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio curricular” trata das relações pessoais e comunicacionais dos alunos de enfermagem em seu primeiro estágio, com relação à equipe técnica, aos pacientes e com o professor do curso. Foi possível notar o papel determinante do professor como agente incentivador do aluno e que “o estresse e as contradições vivenciadas no primeiro estágio são parte do crescimento e aprendizado do aluno.” (BOSQUETTE, BRAGA, 2008).

O artigo “Produção do conhecimento em enfermagem: a (in) visibilidade da atenção à saúde do idoso” aborda a produção de conhecimento em enfermagem tendo como tema os idosos. Concluiu-se que há pouca produção e divulgação sobre o tema. E que é necessário o reconhecimento deste tema enquanto área de atuação profissional, de mais pesquisadores e de incentivo a pesquisa, para dar mais visibilidade à área (MENEZES, VEIGA, 2008).

Nas publicações do ano de 2009 foram verificados 170 artigos. Destes, apenas um trata da relação comunicação e saúde: “Do Sensível ao Inteligível: novos rumos comunicacionais em saúde por meio do estudo da Teoria Quântica”. Neste artigo é proposta uma reflexão sobre os conceitos de “ser humano, saúde e doença”, em relação às novas perspectivas da Teoria Quântica, e de como isso pode refletir no aprofundamento da comunicação entre as pessoas (PENHA, SILVA, 2009).

Em 2010 foram publicados 150 artigos, em quatro edições. Destes, apenas quatro tratam da temática comunicação e saúde. No artigo “Validação de material informativo a pacientes em tratamento quimioterápico e aos seus familiares”, encontrado na primeira edição, o objetivo é verificar o conteúdo e a compreensibilidade de materiais informativos para familiares e cuidadores de pacientes em tratamento quimioterápico (CASTRO, SALLES, 2010).

Na segunda edição, o artigo “A comunicação da suspensão de cirurgias pediátricas: sentimentos dos familiares envolvidos no processo” aborda aspectos da comunicação interpessoal contido nas reações das mães, quando elas eram informadas de que a cirurgia de seus filhos havia sido cancelada (BRAGA, RISSO, 2010). Já o artigo “Propagandas de remédio na imprensa ilustrada e a imagem da enfermeira brasileira (1920-1925)” discute o uso da imagem da enfermeira em propagandas de medicamento na Revista Fon-Fon. A conclusão foi que com isso procura-se dar credibilidade ao produto (PORTO, SANTOS, 2010).



Revista E-Compós

A Revista E-Compós é uma publicação da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Desde 2004 publica artigos de pesquisadores em comunicação do Brasil e de outros países. Nas edições dos anos verificados, 2008, 2009 e 2010, nenhum artigo⁸ tratou do tema Comunicação e Saúde.

Intercom

A Revista Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, é uma publicação semestral, em formato digital, que se dedica a publicar artigos sobre Comunicação. Nos três anos verificados, a Revista publicou 65 artigos⁹. Destes, apenas dois tratam de Comunicação e Saúde. Na primeira edição de 2009, o artigo “Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras”, foi feito a partir de uma pesquisa realizada na Unicamp que analisou o conteúdo sobre saúde da mulher durante um ano em três revistas semanais: *Veja*, *Época* e *Isto É*. Os resultados da pesquisa mostram que a saúde da mulher está relacionada, na maioria das vezes, aos aspectos reprodutivos e que as fontes das matérias provinham de pesquisas científicas, em grande parte internacional (COSTA, OLIVEIRA, PAIVA, PINTO-NETO, 2010).

O segundo artigo encontrado sobre Comunicação e Saúde, “A pílula da longevidade a venda nas páginas da *Veja*”, analisa 50 reportagens sobre saúde publicadas ao longo de 6 meses pela revista *Veja*. Foram verificados: o tema, as fontes, a ênfase e a finalidade das matérias. A pesquisa apontou para a tendência propagandista das matérias sobre saúde (LUZ, 2010).

Resultados

Como podemos verificar nos dados do Quadro n.1, a produção científica sobre Comunicação e Saúde ainda é muito baixa nas quatro revistas científicas. De todos os artigos verificados, 1.050, apenas 15, ou seja, 1,42% do total abordaram o tema. A revista de Comunicação E-Compós não publicou nenhum artigo referente ao tema nos últimos três anos.

⁸ Não está incluso Entrevista e Resenhas. Está incluso: Dossiê Temático e Temas Livres.

⁹ Não está incluso Entrevista, Resenha e Memória. Está incluso: Artigos.

Quadro 1: Distribuição das publicações sobre Comunicação e Saúde nas revistas verificadas.

Revista	Artigos Gerais	Artigos Com. e Saúde	%
Rev. Saúde Pública	459	5	1,08%
Rev. Esc. Enfermagem da USP	419	8	1,9%
Rev. E-Compós	107	0	0%
Rev. Intercom	65	2	3,07%
Total	1050	15	1,42%

Isso se deve ao fato de que pesquisas na área só receberam incentivos nas últimas décadas e ainda faltam profissionais para discutirem o tema. Mas já é possível notar algum avanço neste sentido, pois algumas faculdades e centros de pesquisa como o Fiocruz já oferecem especialização e realizam pesquisas na área (ARAÚJO, CARDOSO, LERNER, 2007, p. 80).

Apesar do pequeno número de artigos, comunicação e saúde foram debatidas a partir de perspectivas distintas, como pode ser verificado na figura 1, abaixo:

Figura 2: Distribuição dos temas debatidos nos artigos sobre Saúde e Comunicação.



Dois temas parecem ser relevantes na relação comunicação e saúde. Um deles é a influência do marketing de remédios e a discussão de como a publicidade pode distorcer a verdadeira função de medicamentos, bem como a procura de legitimação destes produtos, perseguida pela indústria farmacêutica, por meio da produção de conhecimento científico. O outro é a abordagem da comunicação interpessoal. Esta



abordagem é tratada nos artigos verificados em diferentes situações vivenciadas pelos profissionais de saúde. A comunicação interpessoal é uma preocupação dos profissionais da saúde, afinal o trabalho destes profissionais é lidar com pessoas. Os relacionamentos são parte do dia-a-dia dos profissionais de saúde, e a comunicação entre pessoas não utiliza somente instrumentos óbvios, como a fala, por exemplo. Segundo Watzlawick (1921, p. 47) é impossível não se comunicar. Mesmo o silêncio quer dizer algo:

(...) uma vez aceito todo o comportamento como comunicação, não estaremos lidando com uma unidade de mensagem monofônica, mas com um complexo fluido e multifacetado de numerosos modos de comportamento – verbais, tonais, posturais, contextuais, etc. – que, em seu conjunto condicionam o significado de todos os outros.

As temáticas apontadas nas revistas científicas de Comunicação foram mais dedicadas à análise de conteúdos sobre saúde, publicadas em revistas de interesse geral¹⁰. A revista é um meio de comunicação que se difere dos outros, principalmente por ser mais elaborada, mais aprofundada nos temas tratados. Os editores e repórteres tem mais tempo para elaborar as matérias: “...as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores” (SCALZO, 2004, p. 14).

A grande preocupação que os artigos analisados apontam é com a veracidade e os interesses envolvidos nas matérias sobre saúde. Uma das principais questões é “quem tem interesse na notícia e quem vai lucrar com a divulgação da mesma?” (LUZ, 2010, p. 257). A aproximação existente entre jornalismo e publicidade vem sendo debatida pelo meio acadêmico e recebeu a denominação de “news you can use” (notícias que você pode usar):

Trata-se de oferecer ao leitor artigos que abordam, de forma despolitizada, a vida cotidiana e as formas de melhorá-la, incluindo aí matérias sobre comportamento, relações pessoais e de trabalho, saúde, alimentação, esportes. Essas matérias, que ocupam cada vez mais espaço do editorial dos jornais e revistas, vêm ilustradas por relatos de celebridades que dão seu aval a um estilo de vida – exatamente como na publicidade, ao divulgarem determinados produtos – baseado no culto

¹⁰ Considera-se hoje no Brasil, pelo menos 20 gêneros na classificação dos principais títulos em circulação: interesse geral/ informação/ atualidades, interesse geral/ ciência, interesse geral/ leitura, interesse geral/ negócios, interesse geral/ turismo, feminina/ comportamento/ beleza, feminina/jovem, feminina/ moda/ trabalhos manuais, feminina/ puericultura, feminina/ culinária, feminina/saúde, masculina, esporte/automobilismo, arquitetura; decoração, astrologia, cinema/ música/ TV, construção, infanto-juvenil/ games, informáticas, outros (NASCIMENTO apud CASTILHO; PAZ, 2006, p. 52).



do corpo e da carreira profissional, na lógica da compensação pessoal e da conquista. (CANDIANI apud ASSIS, 2007).

Segundo Scalzo, em seu livro “Jornalismo de Revista” (2004, p. 82), essa é realmente uma preocupação pertinente no dia-a-dia do jornalista: não misturar publicidade com jornalismo. E que pode ser resolvida se tanto o grupo editorial quanto o financeiro de uma revista considerar sempre o leitor em primeiro lugar.

Os artigos sobre Saúde e Comunicação são todos provenientes de universidades públicas, mostrando a falta de incentivo a produção de conhecimento na área em universidades particulares.

Considerações finais

Há poucos artigos publicados sobre a relação entre Comunicação e Saúde nas quatro revistas analisadas. Essa interface é relativamente nova e ainda pouco estudada e discutida, mesmo que nas últimas décadas tenha recebido algum interesse das universidades e institutos de pesquisa (ARAÚJO, CARDOSO, LERNER, 2007, p. 80). Apesar das universidades públicas apresentarem a produção científica mais expressiva, a pouca quantidade de artigos nestas publicações indica que a esta área precisa ser mais bem compreendida. Entendemos que há a necessidade de mais estudos sobre o assunto, pois a produção científica em qualquer área é um indicador que aponta as tendências, indica a relevância da área, promove debates e gera conhecimento. A produção intensa de pesquisas e artigos fomenta o debate no meio científico e contribui para o avanço da área. Há que se verificar, entretanto, nas demais revistas destas duas áreas, se a pouca produção encontrada nas quatro revistas é recorrente, tanto no conjunto das publicações quanto no recorte do tempo.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Inesita soares de; CARDOSO, Janine Miranda; LERNER, Kátia. **Comunicação e Saúde: um olhar e uma prática de pesquisa.** *ECO-PÓS-* v.10, n.1. 2007

BOSQUETTE, Livia Silva; BRAGA, Eliana Mara. **Reações comunicativas dos alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio curricular.** São Paulo. Revista Escola de Enfermagem da USP, volume 42, número 4. 2008.



BRAGA, Eliana Mara; RISSO, Amanda Creste Martins da Costa Ribeiro. **A comunicação da suspensão de cirurgias pediátricas:** sentimentos dos familiares envolvidos no processo. São Paulo. Escola de Enfermagem da USP, volume 44, número 2. 2010.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. **Saúde pública e indústria do conhecimento.** São Paulo. Revista de Saúde Pública, volume 43, número 6. 2009.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de; MIGUELOTE, Vera Regina da Silva. **Indústria do conhecimento:** uma poderosa engrenagem. São Paulo. Revista Saúde Pública, volume 44 número1. 2010.

CASTRO, Rosiani de Cássia Boamorte Ribeiro de; SALLES, Patrícia Sanches. **Validação de material informativo a pacientes em tratamento quimioterápico e aos seus familiares.** São Paulo. Escola de Enfermagem da USP, volume 44, Número 1. 2010.

COSTA, José Vilton; OLIVEIRA, Mariella Silva de; PAIVA, Lucia Helena Costa; PINTO-NETO, Aarão Mendes. **Imprensa e saúde da mulher:** a abordagem das revistas semanais brasileiras. Revista Intercom, volume 32, número 1. 2009

DE FLEUR, Melvin Lawrence e BALL-ROKEACH. **Teorias da Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FERREIRA, Fernanda Cristina; NICHITA, Lúcia Yazuco Izumi. **Mulheres vivendo com aids e os profissionais do Programa Saúde da Família:** revelando o diagnóstico. São Paulo. Revista Escola de Enfermagem da USP, volume 42, número 3. 2008.

FLUSSER, Victor; LEÃO, Eliseth Ribeiro. **Música para idosos institucionalizados:** percepção dos músicos atuantes. São Paulo. Revista Escola de Enfermagem da USP, volume 42, número 1. 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

GALDURÓZ José Carlos F., MASTROIANNI Patrícia C., Ana Regina NOTO. **Propagandas de medicamentos psicoativos:** análise das informações científicas. São Paulo. Revista Saúde Pública, volume 42 número 3. 2008.

GALDURÓZ José Carlos F.; MASTROIANNI Patrícia C.; Ana Regina NOTO; VAZ, Amanda Cristina R. **Análise do conteúdo de propagandas de medicamentos psicoativos.** São Paulo. Revista Saúde Pública volume 42, número 5. 2008.

LUZ, Hecker Lia. **A pílula da longevidade a venda nas páginas da revista Veja.** São Paulo. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. 2010.



MENEZES Tânia Maria de Oliva, VEIGA, Kátia Conceição Guimarães. **Produção do conhecimento em enfermagem:** a (in) visibilidade da atenção à saúde do idoso. São Paulo. Revista Escola de Enfermagem da USP, volume 42, número 4. 2008.

PENHA, Ramon Moraes; SILVA, Maria Júlia Paes da. **Do Sensível ao Inteligível:** novos rumos comunicacionais em saúde por meio do estudo da Teoria Quântica. São Paulo. Revista Escola de Enfermagem da USP, volume 43 número 1. 2009.

PITTA, Áurea Maria da Rocha. **Comunicação e Saúde:** A Complexidade dos Conceitos e o Desafio das Práticas. Informação e comunicação social em saúde. Brasília, Fundação Kellogg/Projeto UNI/FAPEX/OPAS, 1995.

PORTO, Fernando; SANTOS, Tânia Cristina Franco. **Propagandas de remédio na imprensa ilustrada e a imagem da enfermeira brasileira (1920-1925).** São Paulo. Revista Escola de Enfermagem da USP, volume 44, número 3. 2010.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Paulo Roberto Vasconcellos-; NOLASCO, Paula Travassos de Lima. **Dialética da autonomia dos equilíbrios nos conflitos entre pacientes e cirurgiões oncológicos.** São Paulo. Revista Saúde Pública, volume 43, número 5. 2009.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Helmick Janet; JACKSON, D. Don. **Pragmática da comunicação humana:** um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2007.

